

Consoante as capacidades

N. 9/7/83

Música

Todos nós podemos ser úteis à sociedade

— afirmação de Machongezi Mohamed, músico cego da Província do Niassa

por Alfredo Macaringue

«Todos e cada um de nós podemos ser úteis à sociedade. O fundamental é a vontade de vencer e a consciência da necessidade de aprendermos e servirmos a comunidade de acordo com as capacidades de que estamos dotados» — assim se expressou Machongezi Mabaya Mohamed, músico cego da Província do Niassa numa entrevista recentemente concedida ao «Notícias».

Ele veio à capital do País a convite do sector de produção musical da Rádio Moçambique e participou no programa recreativo que assinalou o final do Festival da Juventude. Nos estúdios da «RM», gravou dois discos e outras músicas em fita magnética. Foi nesta ocasião que o interpelámos para uma entrevista, ao que ele aceitou com afabilidade.

Machongezi Mohamed é um artista

que», tira o cofiô que trazia à cabeça e começa a narrar:

— Nasci na Tanzania. Muito cedo ainda vim com os meus pais para Moçambique onde nos fixámos na Província do Niassa. Nasci há 30 anos e logo nos primeiros anos de infância, fui atacado pela cegueira o que me impossibilitou de ir à escola.

«Notícias» — Sendo cego, não lhe foi fácil, certamente, manejar um ins-

trumento musical. Ele aceitou e assim tive o meu próprio «Pankue». Tenho também a dizer que foi a partir daqui que toquei a sério.

«Not.» — Como surge a sua deslocação a Maputo?

Machongezi — Vim a Maputo a convite do sector de produção musical da «RM». O senhor Américo Xavier, responsável pelo sector, viu-me a tocar no Niassa numa digressão que o Grupo «RM» fez à Província e formulou o convite, dizendo que faria tudo para eu gravar as minhas músicas na Rádio Moçambique. Não pude acreditar que isso fosse possível.

«Not.» — Quantas músicas gravou e qual é a mensagem que pretende transmitir?

Machongezi — Gravei quatro músicas, as mais preferidas. Nas minhas canções abordo temas que falam da vida no campo, bem como temas que falam da Revolução Moçambicana nos quais critico aqueles que falam mal do nosso País.

VEJO E COMUNICO PELA CANÇÃO

«Not.» — Mas, sendo cego e não podendo ver tantas transformações que se operam na sociedade, como é que me explica que aborde temas que falam da vida, das mudanças sociais e faça críticas...

Machongezi não me deixou concluir a pergunta. Interrompeu-me para dizer:

— Tenho a minha maneira de ver e comunicar com as pessoas. Por exemplo, a música é uma das formas. Com a canção vejo, comunico e sinto o que me rodeia. Posso ainda fazer mais coisas. Se me fosse possível, gostaria de ser telefonista servindo-me do tacto.

— Olha — acrescenta Machongezi — nós cegos não somos inválidos. Somos úteis à sociedade como uma outra pessoa. Basta a vontade de aprender de cada um.

GOSTARIA DE TOCAR COM ALEXANDRE LANGA

Estava para lhe fazer mais uma pergunta quando resolveu mudar de assunto para falarmos de Alexandre Langa.

Machongezi — Gosto muito da obra de Alexandre Langa. Fiquei muito satisfeito quando ele veio a Niassa acompanhado do Grupo «RM». Considero-o um dos melhores músicos do nosso País. «Meticais», é o título da canção deste artista que mais gosto de escutar quando estou no Niassa.

Se me fosse dada uma oportunidade de gravar algumas músicas com ele, estou convencido que a melodia das obras seria a melhor e para mim seria uma grande alegria.

SINTO-ME FELIZ POR ACTUAR NA CAPITAL

«Not.» — Machongezi Mohamed exibiu-se em dois espectáculos consecutivos ao público da capital do País, no Cinema «Gil Vicente». Que dizer da reacção deste público que pela primeira vez assistiu à sua actuação?

Machongezi — Em primeiro lugar devo dizer que senti-me feliz por ter actuado na capital do País. Concretizei uma coisa que para mim sempre foi um sonho. Devo agradecer a Rádio Moçambique que custeou as despesas para a minha deslocação a Maputo.

Em relação ao público, achelo muito acolhedor. Poucos conheciam as minhas canções mas, ovacionaram-me sempre. Notei esta manifestação pelos longos aplausos que faziam na minha actuação, mesmo antes de eu terminar a música.



Machongezi Mohamed, a quem a cegueira não impediu de ser artista, deixou-se fotografar junto do seu instrumento de fabrico artesanal, conhecido por «pankue», cujo som se assemelha ao de uma viola à caixa. (Foto de Fernando Timane)

bastante conhecido e estimado no Niassa e toca um instrumento de cordas de fabrico artesanal, localmente conhecido por «Pankue».

A conversa com ele decorre num ambiente de abertura e franqueza. Segundo disse, é, todavia, a primeira vez que concede uma entrevista. Ela foi um pouco limitada devido ao facto de Machongezi se expressar apenas em línguas locais, como é o caso do Nyandja e Ajau idiomas que domina bem.

Depois de muitas dificuldades de comunicação, apareceu uma trabalhadora da Rádio que se prontificou a servir de intérprete.

Machongezi aconchega o seu «Pan-

trumento musical. Quando é que começa a ter gosto pela música?

Machongezi Mohamed — Comecei a interessar-me pela música aos 10 anos. Mas, havia este impeditivo da cegueira, pois nem sequer via o instrumento musical que o meu pai tocava nessa altura. Contudo, não desanimei. Junto do meu pai que já tocava bem nessa altura, aprendi a tocar, auxiliando-me de um dos sentidos que possuímos — o tacto.

«Not.» — Com que instrumento aprendeu a tocar?

Machongezi — Como o meu pai nem sempre me deixava utilizar o seu «Pankue», pedi a um amigo lá no Niassa, para que me fizesse um igual